

## **Interdiscurso e representações sobre a Amazônia**

Magali F. Bueno  
NIME/LABI, USP  
Departamento de Geografia, USP  
Correio: magab@usp.br

A proposta deste artigo é resgatar, na produção de viajantes e outros autores significativos, imagens recorrentes caracterizadoras da região e que povoam o imaginário de brasileiros, ao nível do senso comum, sobre a Amazônia. Será demonstrada a intertextualidade presente nos autores estudados para tentar entender algumas das representações forjadas sobre a Amazônia.

Serão estudados relatos de viagens ocorridas entre os séculos XVI e XIX pelo Rio Amazonas. Também será feita uma análise sobre a imagem de Amazônia presente em textos de Euclides da Cunha e Alberto Rangel, dois autores brasileiros que escrevem sobre a Amazônia já no início do século XX.

### **O Novo Mundo: os primeiros cronistas**

O primeiro olhar alóctone lançado sobre a América — Amazônia é um termo que surgirá muito mais tarde — foi, provavelmente, de um europeu. Trata-se de observações sobre o novo continente, escritas no início do século XVI, que estarão sendo reproduzidas até os dias atuais. Ana Maria BELLUZZO (1996: 15-6) afirma que “na sua origem, as imagens elaboradas pelos viajantes participam da construção da identidade européia. [...] Na iconografia e na crônica de autores viajantes nem sempre chegamos a protagonistas. Somos vistos, sem nos termos feito visíveis. Fomos pensados. Ainda assim, essas visões alimentam lembranças do passado e povoam nosso inconsciente.”

O imaginário de uma parcela da população européia medieval estava povoado pelas lendas orientais, relatadas por Marco Polo, Jeham de Mandeville, Pierre d’Ailly, Jean de Plan de Carpin e Ibn Battuta. Os relatos de viagens desses autores ganham popularidade a partir do século XIII e esta se mantém ao longo dos séculos, numa tradição de relatos fabulosos (GONDIM, 1994; SEIXO, 1996).

Essas histórias maravilhosas foram, por sua vez, construídas, em grande parte, a partir das mitologias indiana e greco-romana (GONDIM, 1994). Muito antes da chegada de europeus à América, as narrativas de viagens já mesclavam os imaginários pagão e cristão. O mito das Amazonas, mulheres guerreiras que Orellana

afirma ter encontrado em sua viagem ao Amazonas (1541-1542), e registrada no relato de Carvajal, é mais um exemplo de incorporação da mitologia clássica ao imaginário sobre o Novo Mundo, mais especificamente sobre a Amazônia.

Vários cronistas utilizaram-se das palavras de Ovídeo sobre a Idade de Ouro para descrever as Índias e também o Novo Mundo. Isto demonstra como as mitologias clássicas influenciaram a visão do continente americano. Sérgio Buarque de HOLANDA (1977) discorre sobre as relações entre essa visão clássica da história, segundo a qual as eras históricas são sucessivamente decadentes em relação às anteriores. A descoberta do Novo Mundo leva à crença de que ainda existiriam povos vivendo na Idade do Ouro.

As buscas de riquezas e do Éden eram os motivos que instigaram as expedições ao Novo Mundo; procurava-se a fonte da eterna juventude, a “terra da canela”, o El Dorado e o reino das Amazonas. O mito do El Dorado, segundo Hélène MINGUET (1992), surge na região de Quito, ainda no século XV. Os espanhóis, ainda explorando as riquezas dos Incas, são os primeiros a lançarem-se à busca da canela, que se acreditava abundar à leste da cordilheira dos Andes

Neide GONDIM (1994) considera que a atividade marítima portuguesa, na medida em que expandia os conhecimentos sobre o mundo, confirmando ou refutando teorias, contribuía para o esmaecimento das histórias fantásticas dos viajantes portugueses. Mas Sérgio Buarque de HOLANDA (1977) ensina que, embora também fossem seduzidos pelas narrativas fabulosas, a fantasia teve pouca participação nos textos dos conquistadores portugueses no Brasil, diferentemente do que acontecia com os conquistadores espanhóis:

“[...] todo o mundo lendário nascido nas conquistas castelhanas e que suscita eldorados, amazonas, serras de prata, lagoas mágicas, fontes de juventude, tende antes a adelgaçar-se, descolorir-se ou ofuscar-se, desde que se penetra na América lusitana” (HOLANDA, 1977: 126).

Deve ser lembrado que as primeiras penetrações europeias no vale do Amazonas partiram da América espanhola, mais especificamente da região peruana dos Andes, o que talvez explique, a partir dessa perspectiva de Sérgio Buarque de HOLANDA, os tantos mitos ligados àquela região.

Já o tema do paraíso terrestre, diferentemente deste mundo mágico de eldorados e amazonas, seduzia igualmente espanhóis e portugueses (HOLANDA, 1977: 144).

Hélène MINGUET (1992:1) diz que “durante todos os anos em que a exploração das terras americanas se desenvolveu, os aventureiros estiveram

convencidos de que haviam descoberto o paraíso terrestre.” Vários autores concordam que o mito do paraíso terrestre é um dos mais recorrentes na interpretação do Novo Mundo.

Mentalidades e imaginários são manifestações da vida social que se transformam lentamente. Assim, a América é descoberta no limiar da época moderna, mas ainda marcada por este imaginário medieval. Sérgio Buarque de HOLANDA (1977:179) afirma que “até os de mais profundo e repousado saber, se inclinavam a encarar os mundos novos sob a aparência dos modelos antigos”.

O Novo Mundo também é visto, freqüentemente, associado ao inferno. Esta dicotomia paraíso/inferno é muito recorrente e reconhecida por diversos autores (SOUZA, 1986; MICHILES, 1992; GONDIM, 1994; BELLUZZO, 1996). Mais tarde, a Amazônia continuará imbuída deste estigma. A visão do inferno é, no século XVI, ligada à imagem do indígena e seus costumes, incompreendidos pelos europeus. Mais tarde o inferno passará a estar ligado à própria floresta; isso, porém, será retomado mais adiante.

Assim como as histórias de Marco Polo e alguns de seus contemporâneos ganharam popularidade no século XIII, alguns relatos de Cólón e Vespucci, todos da primeira década do século XVI, foram impressos e reimpressos várias vezes, o que demonstra sua enorme popularidade e seu papel na “construção do antimundo pelo imaginário europeu” (GONDIM, 1994:52).

Os relatos de viagens perpassavam, então, o imaginário dos escritores, de autores por eles lidos, e também de viajantes com os quais eles conviviam nas expedições e dos quais ouviam histórias, as quais eram também inseridas em seus escritos.

A visão sobre o Novo Mundo vai sofrendo modificações com o decorrer dos séculos. Apesar das transformações em curso no olhar europeu sobre a América, permanece a força de alguns mitos. O mito das Amazonas, ainda no século XVII, instiga viajantes. La Condamine, que viajara para a América em 1637, também busca as mulheres guerreiras. Este viajante esteve na região equatorial do novo continente como membro de uma expedição científica, cujo objetivo era verificar a teoria newtoniana segundo a qual a Terra é achatada nos pólos. Fez importantes estudos e descobertas, comprovando inclusive a comunicação entre as bacias do Amazonas e do Orinoco, objeto de polêmicas na época; é também um dos primeiros a interessar-se — ou pelo menos um dos primeiros a registrar seu interesse — pelo *cahuchu*, matéria-prima utilizada pelos indígenas para produzir objetos maleáveis e impermeáveis. Assim, é curioso e surpreendente que ele acredite nas Amazonas:

“La Condamine fala longamente das Amazonas e parece não duvidar da sua existência. Essa atração pelas ‘singularidades’ é encontrada em muitos autores do século XVIII que, por outro lado, eram defensores do mais rigoroso racionalismo” (MINGUET, 1992:14).

Leyla PERRONE-MOYSÉS (1996:87) considera que a curiosidade tenha sido um fator fundamental na descoberta — e redescobertas — sobre o Novo Mundo, embora normalmente a historiografia privilegie o fator econômico como propulsor destas conquistas.

Quer tenham sido fins econômicos, vaidade pessoal ou curiosidade os motivos preponderantemente responsáveis pelas viagens ao Novo Mundo, muitos foram os que visitaram as novas terras e sobre elas deixaram relatos. Estes relatos foram criando e recriando o imaginário europeu sobre o que seria a América.

### **Expedições de reconhecimento à bacia do Amazonas**

Aos primeiros cronistas que visitaram a área correspondente à atual Amazônia, seguem-se os relatos de expedições de reconhecimento do território, mais especificamente dos cursos dos rios, seus afluentes e nascentes. Mesmo tratando-se de documentos oficiais, transparecem com frequência nestes relatos as imagens míticas que estavam já presentes nas mentes dos relatores.

Maria de Fátima da CONCEIÇÃO (1996:19) considera que “o discurso sobre Amazônia surge embebido da dominação portuguesa.” Apesar dessa abundância de textos portugueses, as primeiras narrativas publicadas sobre a área, hoje correspondente à Amazônia, são espanholas.

Os primeiros viajantes a se aventurarem pelo rio Amazonas partiram da Amazônia peruana, a partir do antigo Império Inca. Enquanto isso, os portugueses preocupavam-se com a exploração da costa atlântica do continente. Um período de grande expansão das conquistas na bacia amazônica foi o do domínio espanhol sobre Portugal (1580-1640). A Espanha está, então, mais preocupada com a terra da prata, a oeste da cordilheira dos Andes. Mas incentiva a ocupação do Vale do Amazonas e, sob o comando da Coroa espanhola, ocorrem importantes marcos na história da conquista do Amazonas, inclusive a viagem de Pedro Teixeira. A expedição de Pedro Teixeira (1637-1639) é a primeira de caráter oficial a percorrer o Rio Amazonas, embora o mesmo percurso já tivesse sido realizado por espanhóis, que partiam dos Andes. Pedro Teixeira viaja como representante da Coroa portuguesa, acompanhado

por dois jesuítas, Cristóbal de Acuña e Andrés de Artieda, que se ocuparão dos relatos da viagem.

Acuña vale-se de coordenadas geográficas para “tornar verossímeis as notícias fantásticas” (GONDIM 1994:101). Ele dá a localização do Lago Dourado, fala dos índios gigantes e acredita que encontrou o Paraíso Terrestre. Escreve ainda sobre as Amazonas, segundo informações recolhidas. Como Marco Pólo fizera com relação às Índias séculos antes, Acuña também refuta algumas interpretações que considera errôneas, mas colabora com a reafirmação de outras.

Segundo Maria de Fátima da CONCEIÇÃO (1996), os objetivos da viagem de Pedro Teixeira foram de caráter geopolítico e econômico, embora não explicitados pelos portugueses. Esta é uma característica comum nas viagens realizadas no século XVII. No século XVIII, passam a prevalecer objetivos de outro gênero, e que serão ainda mais notórios no século XIX:

“A viagem de La Condamine à América inaugura um novo período da história das descobertas no continente; não são mais conquistadores, missionários ou aventureiros que ocupam o proscênio. O século XVIII vê desenvolver-se um interesse realmente científico pelo Novo Mundo, como aliás pelas outras partes do globo, ainda desconhecidas ou pouco conhecidas, especialmente o oceano Pacífico.” (MINGUET, 1992:8)

A viagem de La Condamine pelo Amazonas é considerada a primeira de caráter científico à Amazônia, e uma das raras permitidas no período de interdição das viagens de estrangeiros à região. La Condamine inaugura as expedições de naturalistas ao vale do Amazonas. No ano de 1743 ele percorre o rio, saindo do Peru e chegando até sua foz. La Condamine dialoga com viajantes que o precederam. As viagens de Ursúa, Orellana e Pedro Teixeira — principalmente o relato desta última, escrito por Acuña — são citadas no relatório sobre sua expedição, apresentado na Academia de Ciências da França.

Hélène MINGUET (1992) considera a etapa da viagem pelo Amazonas a mais interessante da expedição que chegara aos trópicos em 1735. Dados sobre fauna, flora e os rios da região são muito importantes do ponto de vista do conhecimento do mundo, uma vez que revela uma parte do globo bastante desconhecida até então. Apesar do seu ponto de vista eurocêntrico, as informações sobre os indígenas também são consideradas relevantes, um dos primeiros documentos etnográficos sobre a região. Outra contribuição de La Condamine, sempre registrada pelos autores, é a elaboração de um mapa do

Amazonas e seus afluentes, o qual, ainda hoje, chama a atenção pela sua precisão cartográfica (MINGUET, 1992; GONDIM, 1994).

Algumas histórias fantásticas são colocadas em dúvida por La Condamine, como a existência da cidade de Manoa, construída e cercada por muralhas de ouro, contígua ao Lago Dourado, o Parima. Além desta, outras histórias parecem-lhe inverossímeis, como o poder de certas cobras de atrair presas com suas respirações, devorar animais inteiros ou matar homens com suas caudas (LA CONDAMINE, 1992:104). Mas, como fizera Marco Polo em relação às Índias e Acuña em relação à própria Amazônia, La Condamine também refuta alguns mitos ao mesmo tempo em que reforça outros; como já foi dito, tenta descobrir o reino da Amazonas, seguindo pistas de testemunhos e, por fim, tece considerações sobre seu desaparecimento: poderia ter ocorrido a perda de seus costumes, com o passar do tempo, ou subjugação por outra nação. E conclui que a inexistência de “vestígios efetivos” sobre as Amazonas não é suficiente para afirmar que elas nunca teriam existido (LA CONDAMINE, 1992:79).

É curioso que La Condamine tenha ocupado tantas páginas de seu relatório com uma história que parece, ao menos hoje, tão inverossímil quanto tantas outras às quais ele não deu crédito. Isto demonstra com que força este mito estava marcado no imaginário europeu, através das leituras das narrativas de viajantes dos séculos XVI e XVII.

Das expedições que percorreram a bacia do Amazonas no século XVIII, vale destacar a de Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista brasileiro formado em Portugal. Nomeado para uma expedição de caráter oficial ao Amazonas, percorre-o no período de 1783 a 1792. Embora haja polêmica sobre a importância da sua expedição, há consenso em torno do saque ao seu arquivo. Esta coleção, que fora enviada a Portugal ao término da viagem, estava sendo organizado pelo próprio Alexandre Ferreira quando houve a invasão francesa a Portugal. Nicolau SEVCENKO (1996:144) conta sobre a notável reputação que o acervo de Alexandre Rodrigues Ferreira ganhara na Europa, atraindo a atenção de Napoleão, que dera instruções específicas em relação ao saque desse material.

Este episódio reflete o interesse que o Novo Mundo e, particularmente, a Amazônia causava nos europeus. E também ilustra a mudança do enfoque em relação às riquezas do continente americano; se antes eram as narrativas míticas que instigavam o interesse pelo El Dorado e pelas montanhas de prata, agora é o valor que as descobertas científicas revelam — ou poderiam revelar — o alvo dos interesses.

É importante destacar as polêmicas científicas européias produzidas em torno do conhecimento do continente descoberto pelos europeus havia mais de dois séculos. Tais controvérsias, iniciadas por Buffon por volta de meados do século XVIII, ressoarão até final do século XIX, entre geógrafos, filósofos, historiadores e biólogos (GERBI, 1996). Inclusive Vidal de La Blache é citado por GERBI (1996:423) como um dos revisores de alguns dos argumentos específicos da tese de que “a terra ou os céus da América façam homens e animais degenerar naturalmente”.

Essas polêmicas, que se iniciaram em torno de Buffon, De Pauw e Hume, principalmente, referem-se à imaturidade do continente americano, à debilidade dos autóctones, à degeneração das espécies animais americanas em comparação às do Velho Mundo, à decadência da natureza na América. É importante ressaltar a importância dada ao conhecimento e à explicação do Novo Mundo, interpretado inclusive por cientistas que nunca o visitaram. Uma vez que alguns deles sequer conheciam o novo continente, suas teorias eram construídas sobre impressões colhidas em relatos de outrem. E apesar disso, as teses formuladas sobre tais observações ganharam tal respaldo científico que foram capazes de influenciar interpretações até mesmo de pessoas que tiveram a oportunidade de conhecer a natureza e os nativos alvos de tais polêmicas.

Há que se ressaltar, também, a visão etnocêntrica implicada nessas interpretações — etnocentrismo que permeava, até então, a maior parte das concepções sobre o Novo Mundo.

### **O século dos naturalistas**

O trabalho dos naturalistas europeus que percorreram a Amazônia, no século XIX, dá um novo caráter às informações sobre a região. Segundo Maria de Fátima da CONCEIÇÃO (1996:106), alguns desses cientistas produzem uma explicação para a Amazônia “que é projetada e aceita como uma espécie de *discurso competente*. Vistos como estudiosos, ganham reconhecimento por grande parte do que escrevem, mesmo quando eles tratam de assuntos bastante estranhos à sua área de conhecimento”. Na visão dessa autora, essas viagens são justificadas como necessidade de registro do mundo natural, pelo estranhamento causado aos olhos dos europeus. Pode-se notar aí o processo de familiarização com o exótico de que fala GONDIM (1994). Mas não devem ser esquecidas as observações de Leyla PERRONE-MOYSÉS (1996), que considera importante também o fator curiosidade, e Katherine MANTHORNE (1996), que demonstra a existência de uma cultura de

viagens que instigava a realização de expedições a “países exóticos” — ou de natureza exótica.

Com a abertura da navegação do Amazonas e dos portos brasileiros às nações amigas estrangeiras, em 1808, finalmente abre-se a oportunidade para que seja sanada a curiosidade de várias nações. Os cientistas são os que mais se aproveitam dessa ocasião e, a partir daí, são vários os naturalistas que percorrem o Brasil e a bacia do rio Amazonas. Os mais conhecidos são o Barão de Langsdorff, a serviço da Rússia; Spix e Martius, alemães da Baviera; Wallace e Bates, ingleses; e o casal Agassiz, ele representando os Estados Unidos.

Mas nem só de cientistas foram feitas expedições. Katherine MANTHORNE (1996) fala da cultura de viagem que já existia nos Estados Unidos nessa época; muitos americanos viajaram e outros tantos compartilharam dessas aventuras através da leitura de reportagens em jornais, revistas e livros. Alguns relatos eram mesmo utilizados como “guias” para outros viajantes que quisessem conhecer determinado lugar. É o caso de *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*, de Spix e Martius, que incluía também viagem pelo rio Amazonas.

“Falando de uma maneira mais abrangente, entretanto, seus escritos estabeleceram um roteiro de lugares adequados não só a visitas, mas ainda como eles deveriam ser vistos [...] Estudar esses volumes durante as andanças tornava possível aos viajantes manter um diálogo imaginário com seus precursores [...]” (MANTHORNE, 1996: 61).

Além do interesse científico, a busca por riquezas era um catalisador importante dessas viagens. É interessante notar que mitos que entusiasmaram homens no século XVI a enfrentar a aventura de uma viagem transatlântica rumo ao continente recém-descoberto, continuaram a compelir aventureiros ainda no século XIX. Katherine MANTHORNE (1996:62) considera que, entre os mitos que atraíam esses viajantes “o do El Dorado provou ser historicamente o mais importante.”

Além do El Dorado, a visão edênica associada à América dos trópicos foi expressa pela maioria dos norte-americanos que lá estiveram, mas tal associação dava-se particularmente com o Brasil. Katherine MANTHORNE (1996) destaca os objetivos dos viajantes que visitavam o Amazonas. Segundo a autora, há duas motivações primárias, que não deixam de estar inter-relacionadas: o interesse em conhecer a natureza e os projetos de investimentos, instigados pelas imagens que lhes chegavam de florestas e riquezas naturais não exploradas. “Em verdade, se o



continente meridional se apresentasse como tábula rasa aos seus vizinhos do norte, então o Amazonas em particular era terra incógnita” (MANTHORNE, 1996:65).

É interessante notar como a Amazônia vai destacando-se do conjunto das Américas e tornando-se um dos últimos redutos a ainda aproximar-se da imagem mítica do paraíso terrestre. Na época da chegada do europeu ao Novo Mundo, todo o continente era atrativo aos aventureiros ávidos por novidades e riquezas. O texto de Katherine MANTHORNE (1996) mostra que, no século XIX, é a parte sul do continente — a América Latina mais especificamente — que causa curiosidade aos europeus, aos quais juntam-se, então, os norte-americanos. Mais tarde, no século XX, pode-se notar a Amazônia causando curiosidade e mesmo perplexidade aos próprios brasileiros. Para Nicolau SEVCENKO (1996:110), há um “jogo de olhares entre Europa e Brasil, de brasileiros sobre europeus, e de brasileiros sobre seu próprio território, em função do contexto posto pelas condições da colonização.”

No século XX, os relatos e interpretações sobre a Amazônia passam a ser marcados por preocupações de caráter econômico e social. No século XIX, privilegiou-se a natureza e mesmo as considerações sobre os nativos restringiam-se, na maioria das vezes, aos indígenas, permanecendo as observações sobre eles com um caráter naturalista ou etnográfico.

### **Jornalismo e ficção: dois autores do século XX**

Segundo Neide GONDIM (1994:139), a Amazônia entra no circuito internacional ao servir de tema a romancistas como Jules Verne, Conan Doyle e Vick Baum. Nesses romances está presente a relação homem/natureza e a dificuldade dos autores em resolverem a “incompatibilidade da fusão”, acaba levando-os a optar pela linha do fantástico e do onírico.

Entre os autores brasileiros cujas obras sobre Amazônia tiveram destaque nas primeiras décadas do século XX estão Euclides da Cunha e Alberto Rangel. Ambos parecem encontrar a mesma dificuldade na reflexão da questão da relação homem/natureza, mas optam por diferentes abordagens no encaminhamento da discussão. Alberto Rangel opta pela ficção, escrevendo um livro cujo título reflete concepções vinculadas à Amazônia, construídas por meio dos relatos de viajantes e de cientistas europeus: *Inferno Verde*. Euclides da Cunha escreve trabalhos na linha jornalística.

A obra de Euclides da Cunha não é de fácil compreensão ou análise. Sua formação e posição política implicam em visões de mundo difíceis de conciliar com os

fatos empíricos. Assim, sua análise vai tentando encaixar o que vê naquilo que pensa, produzindo dicotomias, antagonismos e mesmo paradoxos em seus escritos.

Se em *Os Sertões* Euclides da Cunha produziu uma obra que influenciou e influencia, ainda hoje, o pensamento sociológico brasileiro, pela introdução da dicotomia litoral/sertão (GALVÃO, 1984; GONDIM, 1992), com relação à Amazônia ele não teve tempo de produzir a obra acabada, pois morreu antes de concluí-la. Sobre a região, existe um livro de sua autoria: *À margem da história*, além de correspondências com amigos, artigos publicados em jornais e anotações manuscritas. Mas *O paraíso perdido*, que seria sua síntese sobre a Amazônia — talvez correspondendo a *Os Sertões* em relação a Canudos —, ficou apenas esboçada (SANTANA, 2000).

Euclides da Cunha chegou à Amazônia imbuído de expectativas criadas pelas leituras que fizera. Essa prefiguração é reconhecida pelo próprio Euclides da Cunha no seu livro *À margem da história*:

“Ao revés da admiração ou do entusiasmo, o que sobressalteia geralmente, diante do Amazonas [...] é antes um desapontamento. A massa de águas é, certo, sem par [...] ; mas [...] ao defrontarmos o Amazonas real, vemo-lo inferior à imagem subjetiva há longo tempo prefigurada” (CUNHA, 1975:25).

Em alguns textos de Euclides essa influência de leituras anteriores é marcante, além de explícitas as referências aos autores por ele lembrados.

No texto “Amazônia, a gestação de um mundo”<sup>1</sup>, o próprio Euclides descreve como a experiência contrasta com a visão adquirida através de leituras, e como, por sua vez, a leitura de autores com pontos de vista diferentes pode contribuir na observação empírica. Após a impressão inicial que a entrada na Baía de Marajó lhe causa, Euclides encontra o botânico Jacques Huber, de quem lê uma monografia sobre a região que lhe parecera “tão desnuda e monótona.” Lendo este trabalho, sua primeira impressão muda totalmente:

“[...] na antemanhã do outro dia [...] vi, pela primeira vez, o Amazonas...

Salteou-me, afinal, a comoção que eu não sentira” (CUNHA, 1994:4).

E então voltam-lhe à mente aquelas impressões trazidas pelas leituras tão anteriores: Euclides compara a Amazônia a uma página do Gênesis, e compartilha da sensação de Acuña, que imaginou que o rio deveria nascer no Paraíso.

---

<sup>1</sup> Fragmento do discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras, incluído no livro *Contrastes e Confrontos* e reproduzido em CUNHA (1994).

Apesar de reconhecer a idealização que tinha em mente em relação ao Amazonas, é naquele mesmo capítulo de *À margem da história* que, contraditoriamente, melhor percebemos a sua visão tão próxima das teorias de Buffon sobre o continente imaturo.

GERBI aponta em Buffon a representação do continente encharcado, que compreenderia “aquele Brasil amorfo onde ‘a terra guarda a maciez das primeiras eras” (BUFFON *apud* GERBI, 1996:22). Tal estado de umidade explicaria, segundo Buffon, o grande número e a opulência de insetos e répteis, em contraposição à sua própria visão de que, na América, os quadrúpedes seriam menos numerosos e mais mirrados do que no Velho Mundo.

Euclides da Cunha, parece ver na Amazônia a mesma terra imatura e continente encharcado de Buffon:

“Completa-a, ainda sob esta forma antiga, a fauna singular e monstruosa, onde imperam, pela corpulência, os anfíbios, o que é ainda uma impressão paleozóica. E quem segue pelos longos rios não raro encontra as formas animais que existem, imperfeitamente, como tipos abstratos ou simples elos da escala evolutiva” (CUNHA, 1975:26).

O enfoque das observações iniciais de Euclides sobre a Amazônia é deslocado quando ele toma contato com a realidade das pessoas que ali vivem; impressiona-lhe, particularmente, a vida dos seringueiros. Lourival BARROS (1992:45) vê, na visão deste autor, um olhar ainda muito vinculado aos viajantes que lera. Considera que Euclides dispõe de um instrumental “precário, incapaz de apreender e integrar a Amazônia no seu projeto de interpretação nacional”. José Carlos SANTANA (2000), porém, avalia que nos escritos de Euclides sobre a Amazônia, continuavam presentes os modelos do cientificismo que impregnara *Os Sertões*. Segundo este autor, seus textos expressam uma visão de mundo norteada pelo determinismo geográfico, evolucionismo e darwinismo social.

Assim, a interpretação de Euclides sobre a Amazônia é contraditória, incompleta. Talvez por isso mesmo sua obra seja freqüentemente retomada. *À margem da história*, publicado em 1909 (edição póstuma), segue *Os Sertões*, sua mais famosa obra, publicada em 1902. Em *Os Sertões*, Euclides da Cunha analisa a Guerra de Canudos e desta obra nasce a interpretação dualista litoral/sertão, que se inaugura no pensamento sociológico brasileiro.

Walnice GALVÃO (1984) aponta a importância da formação de Euclides da Cunha, ligada à Escola Militar, na compreensão de sua obra. Euclides fazia parte da

elite intelectual do Brasil que acreditava na República como condutora de uma sociedade democrática, e assim procurou influir no debate político, como republicano ativista e militar. Mas o novo pacto republicano o excluiu, assim como a outros “indesejáveis”. Restou-lhe o prestígio advindo da intelectualidade, como a nomeação para a Academia Brasileira de Letras e a participação no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Euclides chega à Amazônia como chefe da comissão de reconhecimento do Alto Purus, designada pelo Ministério das Relações Exteriores. Nota-se que, em sua primeira tomada, a natureza o impressionou muito. Vários autores apontam este elemento presente em seus textos, ao mesmo tempo em que ressaltam que o cabedal teórico que ele tinha à disposição para interpretar este “mundo” não lhe era suficiente, não era adequado. Frente a isso, ele teria optado por explicar a Amazônia ou recorrendo à descrição imagética, na visão de Lourival BARROS (1992), ou através de um ponto de vista determinista, como considera Neide GONDIM (1994).

Walnice GALVÃO (1984), sem simplificar, explica melhor algumas das contradições do pensamento euclidiano. Esta autora explica que, embora a teoria e o quadro teórico de Euclides se mostrem confusos e mesmo contraditórios, duas linhas principais são visíveis: primeiro, a determinista, obedecendo aos ditames analíticos de raça, meio e momento e, em segundo lugar, a linha que vem da visão dos heróis segundo Carlyle, justificados por este autor enquanto encarnações do espírito divino que levam a história avante. Esta segunda linha se acomodaria mal com o ideário positivista, anticlerical e até anti-religioso de Euclides (GALVÃO, 1984:36).

A despeito deste quadro teórico de referência de que dispunha Euclides *Os Sertões* é “um livro precursor, posto na raiz do desenvolvimento das ciências sociais brasileiras nos anos 30 e 40” (GALVÃO, 1984:36). Porém, se o mesmo referencial teórico é utilizado em sua análise da Amazônia, da mesma forma ele produzirá teses equivocadas sobre essa região.

Na Amazônia, Euclides reencontrará o nordestino e reafirmará a bravura deste brasileiro. Como no texto “Judas-Ahsverus”, de *À margem da história*, em que descreve o ritual de malhação do Judas num sábado de Aleluia, entre alguns seringueiros.

“[...] o Redentor universal não os redimi; esqueceu-os para sempre, ou não os viu talvez, tão relegados se acham à borda do rio solitário [...] Mas não se rebelam, ou blasfemam. O seringueiro rude, ao revés do italiano artista, não abusa da bondade de seu deus

desmanchando-se em convícios. É mais forte; é mais digno”  
(CUNHA, 1975:75-6).

Mas, na Amazônia, há mais um elemento a ser inserido neste projeto de integração nacional almejado por Euclides da Cunha: o “caboclo”<sup>2</sup>. E, se na explicação através da miscigenação encaixara-se bem o tipo nordestino, também acomodaria-se este outro.

Alberto Rangel é contemporâneo de Euclides da Cunha, e, como este, engenheiro formado pela Escola Militar. Ambos fizeram as mesmas leituras sobre a Amazônia; os naturalistas são citados em ambas as obras. O prefácio de *Inferno Verde*, de Rangel, é assinado por Euclides da Cunha. Assim, não é estranho que as idéias de ambos sobre a região tenham muitos pontos de convergência.

Mas Alberto Rangel, escrevendo uma obra de ficção, diferentemente de Euclides da Cunha, é capaz de contemplar vários dos discursos existentes sobre a Amazônia naquele momento. A formação ideológica da qual faziam parte ambos os autores não dava a explicação para a região que eles conheceram. Entram em choque duas visões de mundo. O discurso de Euclides da Cunha não dá conta de conciliá-las. Alberto Rangel, optando pela narrativa ficcional, apresenta vários dos discursos existentes naquela formação social sem a pretensão de conciliá-los. Em alguns trechos, combina o discurso científico com o ficcional, construindo a paisagem amazônica.

Nos textos de Alberto Rangel sobre a Amazônia está presente a preocupação com o papel do “caboclo” no cenário nacional, mesma preocupação de Euclides com relação ao sertanejo.

*Inferno Verde* resgata, entre outros tipos, o ribeirinho e o colono, migrante do nordeste como o seringueiro. A preocupação com a relação homem/meio é marcante; a floresta é mais que um cenário, é uma personagem de seus contos. Assim como Euclides da Cunha, Alberto Rangel também é leitor dos naturalistas do século XIX, porém não partilha da visão edênica deles a respeito da floresta amazônica; a mata de Alberto Rangel tem, como recursos para obstaculizar a ação do homem, sua umidade, sua fauna, seu emaranhado de galhos e cipós...

---

<sup>2</sup> Uma definição de “caboclo” é encontrada em Darcy Ribeiro:

“Ao longo de cinco séculos surgiu e se multiplicou uma vasta população de gentes destribalizadas, deculturadas e mestiçadas, que é o fruto e a vítima principal da invasão européia. [...] No curso de um processo de transfiguração étnica eles se converteram em índios genéricos, sem língua nem cultura próprias, e sem identidade cultural específica. A eles se juntaram, mais tarde, grandes massas de mestiços, gestados por brancos e mulheres indígenas, que também não sendo índios nem chegando a serem europeus, e falando o tupi, se dissolveram na condição de caboclo.” (RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo, SP: Cia. Das Letras, 1995, p. 317).

Embora a discussão sobre o termo caboclo seja bastante mais ampla, não será tratada aqui. Para aprofundamento dessa questão, recomenda-se a leitura da tese de Deborah LIMA-AYRES (1992).

Numa conferência realizada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro sobre “A Bacia do Mar Doce”<sup>3</sup>, pode ser notado o papel de tais elementos em sua percepção:

“Referimo-nos ao prodígio da mata grossa; ela domina e colabora na humidade reinante, que serve para aumentar a sensação do calor e precepar as chuvas do capítulo VII do Genesis, oferecendo aos habitantes resistencias multiplas de vida e diateses inevitaveis de morte. Realmente nessa região nem tudo é benigno e aproveitavel.”  
(RANGEL, 1934:144).

Uma perspectiva da floresta bem parecida com essa prevalece no primeiro conto de *Inferno Verde*, “O Tapará”. Aqui, a personagem principal é o lago. Sempre na perspectiva do narrador, atravessa-se a floresta, “áspera e verdolenga”, de vegetação espessa, até chegar ao lago. Se, por um instante, o lago chega a lembrar o Éden dos primeiros viajantes e naturalistas, em seguida seu aspecto está muito mais próximo do continente imaturo de Buffon:

“Esse lago dá a idéia do Asphaltite, mal grado o verdejar das margens e o fundo descoberto, atapetado de relva e populoso de uma fauna de estampa de Paraiso.[...]

Quando o rio deixou, sugado pelo verão, esse resto d’agua gosmenta de tallophytas, deixou tambem mal afogado, entre as ribanceiras, todo um catalogo de ichtyologia. E porque, cada dia a mais, Novembro afóra, o liquido diminue, a sua população se amontôa. Dá-se, então, este facto hediondo: — o lago apodrece.”

[...]

Todo o horror d’esse lago então apparece. [...] O lago parece abafar a alegria de toda a criação. Pastoso, putrido, mephitico, é capaz de dar á consciencia do observador um reviramento de loucura. O acreditar que alguém ahi viva e d’essa podridão guarde esperanças risonhas de fortuna e conforto, é disparar a razão na vertigem da insania”  
(RANGEL, 1927:38-9).

Mas ao narrador não surpreende que ali mesmo, e vivendo desta forma que ele consideraria insana, existam pessoas às quais essas aparências não

---

<sup>3</sup> Infelizmente a fonte consultada não fornece a data de realização dessa conferência; a única referência é o ano de publicação: 1934.

impressionam pois “desde quando meninos o lago lhes é familiar e amigo” (RANGEL, 1927:42).

Há várias passagens nestes contos em que perpassa uma convivência pacífica do homem com a natureza; porém, se em alguns momentos essa convivência aponta para uma capacidade de adaptação do homem amazônico às condições naturais, uma sabedoria do nativo na lida com a natureza, em outros fica clara a subjugação do homem às condições impostas pelo meio.

A polifonia discursiva pode ser percebida ao longo de todo o livro de Alberto Rangel. Está presente a voz do forasteiro, mas também a do nativo. Percebem-se vários discursos sobre a floresta, ora enunciados através do próprio narrador, ora através da voz da própria floresta, ao olhar o narrador.

A primeira edição de *Inferno Verde* (italiana) é de 1904, portanto ainda no período áureo da borracha na Amazônia. Assim, nordestinos e “caboclos” estão convivendo na Amazônia, mas Rangel aponta para uma relação conflituosa. Esse conflito é colocado a partir da perspectiva do nativo, que refletindo sobre a não ocorrência de seringueiras de “leite elástico” no Tapará, concluiria:

“O caboclo reflectirá que será melhor assim, talvez. A onda immigratoria, esses ‘cearences’, como elle se exprime, abraçando-a num termo generico, em vago resaibo de desprezo e despeito, chofraria em praga, invadindo a floresta ... [...]

Mal sabe o caboclo que, na avidez da sociedade nova acampada no Amazonas, elle, com seu character reservado, onde paira certa tristeza de exilado na propria patria, é um moderador feliz e inabalavel. Quando alli se accomette com desbrio e cobiça na batalha da vida, a resistencia do elemento tapuio ou mameluco, pescador, em fim de contas não será um freio á desordem seringueira, mas limita o conflicto” (RANGEL, 1927:45-6).

Percebe-se a valorização do nativo: é ele o elemento moderador, o que limita o conflito. O ribeirinho, abrigado em torno dos lagos, consegue afastar-se da corrupção representada pela força do comércio da borracha. Assim, o nativo da Amazônia é colocado como elemento fundamental na construção do tipo brasileiro. Se em *Os Sertões* Euclides da Cunha leva a efeito a estruturação do tipo nordestino, como aponta Neide GONDIM (1994), pode-se ver em Rangel um esboço da estruturação do tipo “caboclo”.

Alberto Rangel, assim como Euclides da Cunha, aposta na miscigenação como fator de constituição da nacionalidade brasileira. Se nesta fusão o nordestino

entra com a bravura, o homem amazônico entraria, então, com a tranquilidade e sensatez.

No capítulo que encerra o livro e dá-lhe nome, as impressões sobre a floresta e os rios amazônicos não são diferentes. Porém, aqui, o olhar é o da personagem principal, não mais do narrador; e prevalece com maior ênfase a visão pessimista. Souto, a principal personagem do conto, é um engenheiro que chega ao alto Juruá, partindo do sul do país, contratado para executar um levantamento topográfico. Lá chega “desterrado para a lucta, na delirante vida de explorar um sertão” (RANGEL, 1927:243). Em sua viagem pelo rio a paisagem parece-lhe monótona.

No decorrer do percurso, vai aumentando a sensação de angústia e sufocamento que a floresta, os rios, os insetos, tudo ao redor causa à personagem. A doença contraída no transcurso e contra a qual o engenheiro desiste de lutar nas cabeceiras do rio, longe de qualquer “civilização”, apenas contribui para reforçar ainda mais tais sensações. Os insetos e a sensação de desconforto causada por eles são citados várias vezes neste conto<sup>4</sup>, além do calor, da umidade e do emaranhado de galhos e cipós, que atrapalham a penetração através dos igarapés.

O desespero do engenheiro sulista, que vai crescendo no decorrer do conto, tem como contraponto a tranquilidade dos nativos. Embora o autor refira-se pouco ao “caboclo” e aos cearenses que acompanham o engenheiro, pois a viagem é contada a partir da ótica deste último, nas poucas vezes em que são citados a sensação que transmitem é de tranquilidade, talvez mesmo resignação.

Em certa ocasião, um queixada é caçado por um dos homens e todos comemoram o jantar em vista. Aqui, diferentemente do primeiro conto, não transparece o conflito entre nordestinos e nativos. Tanto o “caboclo” quanto os cearenses enfrentam bem a viagem e parecem não se importar com as dificuldades. O conflito, neste conto, é entre o alóctone e a natureza. Em alguns pontos do livro, aliás, Rangel coloca as agruras sofridas pelos que chegam de fora como castigos pela ambição que os trouxera — trata-se do mesmo julgamento contido em alguns textos de Euclides da Cunha. A floresta parece ser personificada e vinga-se dos forasteiros que a procuram visando apenas o lucro.

Um dia, Souto é vencido pela febre. Após um desmaio, decide retornar. Mas, numa parada do caminho, durante um breve afastamento do “caboclo” que o

---

<sup>4</sup> Neide Gondim também chama a atenção para este elemento tão presente nos relatos sobre a Amazônia. Segundo ela, “difícilmente se encontrará um relato de um viajante sobre o Amazonas que não mostre o paraíso transformado em inferno pela ação dos mosquitos.” (GONDIM, 1994:99). Para Alberto Rangel, não apenas os mosquitos, mas também a vegetação, a umidade e o calor, contribuem para a transformação da floresta em inferno. De qualquer forma, realmente é aos insetos que o autor mais freqüentemente recorre para transmitir ao leitor a sensação de tormento causada pela presença na mata.



acompanhava na descida do rio, Souto é acometido por um delírio de febre, e debatendo-se em meio a um roseiral que, desvairadamente, destruía com as mãos, morre, maldizendo seu algoz: “— Inferno!... Inferno...verde!” (RANGEL, 1927:279).

E, no discurso final do narrador, dito através da floresta definitivamente personificada, como resposta à acusação do engenheiro, estão resumidos os principais elementos do discurso de Alberto Rangel: a convivência harmoniosa entre o autóctone e o meio; a hostilidade da natureza frente à ambição desenfreada dos exploradores; a crença na obra civilizatória, desde que empreendida por homens inteligentes. E fica claro que a floresta apenas constitui-se em “inferno verde” para forasteiros que saqueiam a mata, e vêem-na apenas em comparação com seus lugares de origem, sempre tão diferentes.

A imagem de Amazônia como inferno verde pode ter servido de justificativa à sua exploração devastadora. Essa imagem não remete à paisagem edênica da maioria dos naturalistas do século XIX, pelo contrário, transforma a floresta num inimigo a ser vencido. E desta forma ela passou a ser encarada, principalmente a partir da década de 50 do século XX.

Carlos Rocque (1971:18), confirma a associação da expressão “inferno verde” com a floresta amazônica, e atribui ao livro de Alberto Rangel a origem dela: “Fazendo ficção sobre uma região cheia de fascínio e mistério, Rangel obteve grande êxito. E o nome de seu livro serviu para designar — até hoje — a Amazônia” .

### **Considerações finais**

Algumas das expressões que estiveram tão ligadas ao Novo Mundo como um todo, permanecem ainda como estereótipos da Amazônia. Perdeu-se a origem de expressões como “Eldorado” e “Paraíso”, mas elas continuam ligadas à região. Ocorre o esmaecimento ou a ressurreição de algumas delas em função de interesses relacionados à região que estejam em destaque numa determinada época. Falou-se, aqui, da uniformidade da paisagem, que acaba estando também ligada à idéia de vazio demográfico. Lembrou-se do Eldorado, que freqüentemente está ligado a atividades econômicas, principalmente extrativistas minerais, particularmente o garimpo. E também foi citada a noção de paraíso que, se muitas vezes, no decorrer da história, esteve associada à idéia de inferno, neste momento está bastante desvinculada disto e ligada, principalmente, a um discurso ambientalista, de paraíso ecológico, muito apropriado, por sua vez, à atividade turística.

No Brasil, durante o período que vai da década de 1950 até meados da década de 1970, prevalece o discurso do progresso, que se aplica também à

Amazônia. É a fase de abertura de estradas e implantação dos chamados grandes projetos na região, como Jari, Carajás, etc. O discurso em relação à Amazônia que começa a se destacar na década de 1980 é o que prevalece ainda hoje, o discurso preservacionista. É um discurso que se constrói basicamente em oposição ao discurso anterior.

Existem outras concepções diretamente ligadas à Amazônia, como, por exemplo, as noções de celeiro e pulmão do mundo. Esta primeira é bastante utilizada pela propaganda desenvolvimentista do governo brasileiro, principalmente a partir da década de 1960, mas já era citada desde o século XIX por viajantes, como Humboldt e Wallace, que já viam nas terras que sustentavam uma mata tão exuberante a certeza de excelentes condições para a agricultura. Com a falácia desta hipótese, confirmada por estudos que demonstravam a infertilidade do solo amazônico, a idéia foi esquecida. Mas seu ressurgimento deu-se não mais vinculado ao *slogan* “celeiro do mundo”, porém associada ao conceito de reserva de biodiversidade. Esta idéia vai ao encontro do discurso ambientalista, assim como a concepção de pulmão do mundo, que embora esquecida por algum tempo, reapareceu nos últimos anos com a conotação de filtro do ar atmosférico<sup>5</sup>. Estas associações com a floresta amazônica também permeiam o imaginário das pessoas sobre a Amazônia.

Falando sobre o discurso da história, Maria Aparecida BACCEGA (1995:67) cita Febvre, autor segundo o qual “o discurso da história seria o resultado de todos os discursos.” Mas é sabido que no discurso da história prevalece a visão de mundo da classe dominante. O mesmo acontece com relação à Amazônia. A forma como a região é vista hoje é resultado dos discursos que chegaram até nós, e prepondera, obviamente, a visão de mundo do colonizador, do alóctone, e não do nativo. Sequer essas duas vozes estão em equilíbrio nos discursos que se faz hoje sobre Amazônia. Por isso a grande quantidade de estereótipos ligados à região: vazão demográfico, floresta, rios caudalosos — representações ligadas à sua fisiografia —, bem como a indolência dos nativos. Estes estereótipos são reproduzidos amplamente porque é desta forma que o alóctone, aquele cujo discurso sobre a região predominou — e continua predominando — vê a Amazônia. Nota-se que a origem da maioria das imagens que povoam o imaginário brasileiro sobre Amazônia podem ser encontradas em vários dos autores resgatados neste artigo.

---

<sup>5</sup> Sobre essa discussão, ver o artigo de NOBRE, Carlos A. & NOBRE, Antonio D. O balanço de carbono da Amazônia Brasileira. *Revista de Estudos Avançados*. Vol.16, nº 45. São Paulo, SP: IEB/USP, maio/agosto de 2002.

## Bibliografia

- BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e Discurso: História e Literatura*. São Paulo, SP: Ática, 1995.
- BARROS, Lourival Holanda. Historiografia a tintas nada neutras. *Revista USP nº 13*. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, março/abril/maio de 1992. pp. 44-7.
- BATES, Henry Walter. *Um naturalista no Rio Amazonas*. Belo Horizonte, MG: Itatiaia; São Paulo, SP: EDUSP, 1979 (Coleção Reconquista do Brasil; nova série; v.53).
- BELUZZO, Ana Maria. A propósito d' *O Brasil dos Viajantes*. *Revista USP nº 30*. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, junho/julho/agosto de 1996. pp. 8-19.
- CONCEIÇÃO, Maria de Fátima Carneiro da. *Região e sociedade na Amazônia brasileira: política, ciência e mitos*. Tese (Doutorado). Departamento de Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996.
- CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. São Paulo, SP: Cultrix; Brasília, DF: Instituto Nacional do Livro, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Um paraíso perdido*. Ensaio, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia. (Organização, introdução e notas de Leandro Tocantins). 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 1994.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. "Euclides, elite modernizadora e enquadramento." (Introdução) *In: CUNHA, Euclides da. Org. [da coletânea] Walnice Nogueira Galvão*. São Paulo, SP: Ática, 1984. (Col. Grandes Cientistas Sociais).
- GERBI, Antonello. *O Novo Mundo*. História de uma polêmica (1750-1900). São Paulo, SP: Cia. das Letras, 1996.
- GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo, SP: Marco Zero, 1994.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso*. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. 3ª ed. São Paulo, SP: Cia. Editora Nacional, 1977.
- LA CONDAMINE, Charles-Marie de. *Viagem ao Amazonas (1735-1745)*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira; São Paulo: EDUSP, 1992.
- LEITE, José Roberto Teixeira. Viajantes do imaginário: a América vista da Europa, séc. XV-XVII. *Revista USP nº 30*. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, junho/julho/agosto de 1996. pp. 8-19.
- LIMA-AYRES, Deborah de Magalhães. *The social category caboclo. History, social organization, identity and outsider's social classification of the rural population*

- of an amazonian region (the Middle Solimões)*. Department of Social Anthropology. University of Cambridge. Cambridge, 1992.
- MACHADO, Lia Osório. *Mitos e realidades da Amazônia brasileira no contexto geopolítico internacional. (1540-1912)*. Vol. 1. Tese (Doutorado). Departamento de Geografia Humana. Universidade de Barcelona. Barcelona, 1989.
- MANTHORNE, Katherine E. O imaginário brasileiro para o público norte-americano do século XIX. *Revista USP n° 30*. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, junho/julho/agosto de 1996. pp. 58-71.
- MICHILES, Aurélio. Zapping amazônico. Amazônia, Brasil? *Revista USP n° 13*. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, março/abril/maio de 1992. pp. 58-60.
- MINGUET, Hélène. "Introdução." In: LA CONDAMINE, Charles-Marie de. *Viagem ao Amazonas (1735-1745)*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira; São Paulo: EDUSP, 1992.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Alegres trópicos: Gonneville, Thevet e Léry. *Revista USP n° 30*. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, junho/julho/agosto de 1996. pp. 84-93.
- RANGEL, Alberto. *Inferno verde*. 4ª ed. França: Tours, Typographia Arrault & Cia., 1927.
- \_\_\_\_\_. "Aspectos gerais do Brasil." In: \_\_\_\_\_. *Rumos e perspectivas*. (Discursos e conferências). São Paulo, SP: Cia. Editora Nacional, 1934. pp. 139-251. (Col. Brasileira, série V, vol. XXVI)
- SEIXO, Maria Alzira. Entre cultura e natureza. Ambigüidades do olhar viajante *Revista USP n° 30*. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, junho/julho/agosto de 1996. pp. 120-133.
- SEVCENKO, Nicolau. O front brasileiro na guerra verde: vegetais, colonialismo e cultura *Revista USP n° 30*. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, junho/julho/agosto de 1996. pp. 108-119.
- SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz*. Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo, SP: Cia. das Letras, 1986.
- SPIX, Johann Baptiste von & MARTIUS, Karl Friederich Philipp von. *Viagem pelo Brasil - 1917-1820*. Belo Horizonte, MG: Itatiaia; São Paulo, SP: EDUSP, 1981.
- WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelos rios Amazonas e Negro*. Belo Horizonte, MG: Itatiaia; São Paulo, SP: EDUSP, 1979.